

Cores do Mundo

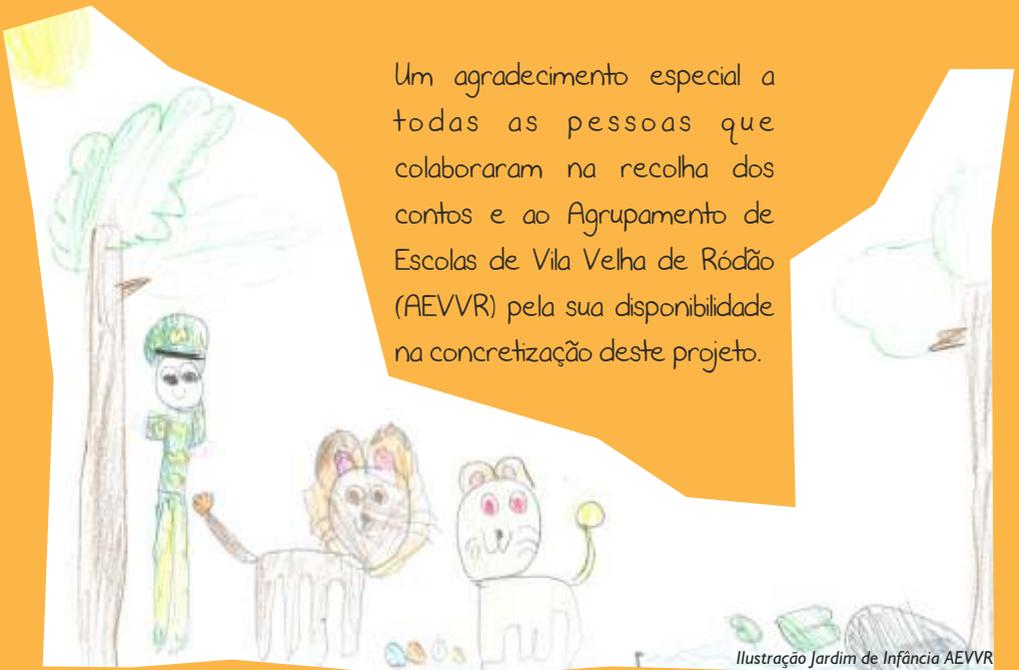


Nota Introdutória

"A semana da Interculturalidade" acontece entre os dias 05 e 11 de abril promovida pela EAPN (Núcleo Distrital de Castelo Branco) em parceria com os CLDS 4G - Covilhã e CLDS 4G - FormaRedes Fundação, CLDS 4G - Penamacor Inclusivo, CLDS 4G - Vila Velha de Ródão. No âmbito dos projetos envolvidos esta ação cumpre a sua intervenção através do eixo n. 2: Intervenção familiar e parental, preventiva da pobreza infantil e, ainda do eixo n. 3: Promoção do envelhecimento ativo e apoio à população idosa. Promovemos a participação de pessoas idosas, comunidade estrangeira e ainda de crianças e jovens sediados nos nossos concelhos, através da recolha e ilustração de contos Infantis e tradicionais para a construção do e-book "Cores do Mundo".

Pretendemos estimular o diálogo e a relação entre culturas, mostrando que a interculturalidade é, também, uma excelente forma de combater a exclusão social, prezando valores como respeito; solidariedade; igualdade; cidadania; não discriminação pela aparência, etnia, género ou nacionalidade; democracia na educação e direitos humanos. Numa sociedade cada vez mais tomada pela globalização, é imperativo que a diferença e a diversidade garantam a plena cidadania de todos os indivíduos, contribuindo para uma sociedade mais justa e equilibrada. "

Um agradecimento especial a todas as pessoas que colaboraram na recolha dos contos e ao Agrupamento de Escolas de Vila Velha de Ródão (AEVVR) pela sua disponibilidade na concretização deste projeto.



Inglaterra

The Pied Piper

Tim Duffin, Penamacor

Newtown, ou Franchville, como se chamava antigamente, é uma pequena cidade adormecida, na costa de Solent. Agora sonolenta, a cidade já fora bastante barulhenta e o motivo do barulho eram os ratos.

O lugar estava tão infestado que quase não valia a pena morar nele. Não havia um celeiro, um moinho ou um armário, pois eles devoravam todo o interior. Não existia um queijo ou um pouco de açúcar e nem sequer o hidromel e a cerveja nos barris estavam a salvo deles.

Porque é que as pessoas da cidade não tinham gatos? Bem eles chegaram a ter e houve uma luta justa. Mas, no final, os ratos eram mais que os gatos, que eram regularmente expulsos do campo. Não havia um caçador de ratos, desde a casa de John o' Groat até ao Land's End, que não tivesse tentado a sua sorte. Mas fizessem eles o que fizessem, gatos, veneno ou armadilhas, parecia não haver fim aos ratos. Todos os dias havia um rato novo a picar-lhes a cauda ou os bigodes.

Certo dia, quando o presidente e a Câmara Municipal estavam reunidos para tentar descobrir uma solução para o seu duro destino, entrou um funcionário, que anunciou:

- Vossa Excelência, um tipo muito estranho que veio à cidade e quer falar-lhe. Não sei bem o que fazer com ele.

- Deixem-no entrar. - respondeu o Presidente da Câmara

Aproximou-se então um rapaz alto e magro, com olhos penetrantes, que se apresentou:

- Chamo-me Flautista de Pied. - começou ele - Quanto estais disposto a pagar-me, se eu vos livrar de todos os ratos de Franchville?

Por muito que temessem os ratos, os governantes temiam ainda mais separar-se do seu dinheiro e desmaiariam se tivessem de regatear mais. Mas Piper não era um homem para tolerar disparates e foram-lhe prometidas cinquenta libras - e isso significava muito dinheiro naqueles tempos -, se não deixasse um rato a guinchar ou a passear em Franchville.

Então Piper colocou a sua flauta nos lábios e uma melodia aguda e estridente soou através da rua e da casa. À medida que cada nota perfurava o ar, algo estranho começou a acontecer, pois de cada buraco saíam ratos a cair. Não havia nenhum, demasiado velho ou demasiado jovem, demasiado grande ou demasiado pequeno, que não se aglomerassem nos calcanhares de Piper e, com os pés ávidos e narizes virados para cima, o acompanhassem enquanto ele seguia pelas ruas.

Piper não esqueceu os mais pequenos e, a cada cinquenta metros, ele parava e dava uma nota extra na sua flauta, só para lhes dar tempo de acompanharem os mais velhos e mais fortes da banda.

Subia a rua Prateada e descia a rua Dourada e, no final da rua Dourada, ficava o porto e o estreito Solent. Enquanto ele caminhava, lenta e gravemente, os habitantes da cidade afluíam à porta e à janela, mas não conseguiam chegar perto dele havia demasiados ratos.

Quando chegou à beira da água, entrou num barco que se dirigia a águas profundas, enquanto os ratos continuaram a segui-lo durante muito tempo, abanando as suas caudas com deleite dentro de água. Continuou a tocar até a maré baixar e cada um dos ratos se ir afundando, pouco a pouco, na lama viscosa do porto.

Quando a maré subiu novamente e Piper pisou a costa, já nenhum rato o seguia e o Presidente da Câmara, o Conselho e todos os habitantes começaram a cantarolar e a sacudir a cabeça.

A arca do dinheiro da cidade tinha sido tristemente esvaziada de tarde e não sabiam como arranjar as cinquenta libras para lhe pagar. Se soubessem que era um trabalho tão fácil, bastava entrar num barco e tocar flauta... Porque é que o próprio Presidente da Câmara não fez isso? Se ao menos se tivesse lembrado!...

Por isso, o presidente cantarolou e, finalmente, disse-lhe:

- Vem, meu bom homem, vê o pobre povo que somos? Como é que conseguiremos pagar-te cinquenta libras? Não aceitas vinte? Quando tudo estiver dito e feito, será um bom pagamento pelo trabalho que tiveste.

"50 libras é quanto eu peço", disse o Flautista calmamente; "Se eu fosse a vocês, pagava rapidamente. Eu posso tocar várias melodias que vos podem sair caro."

"Estás a gozar connosco, seu vagabundo ambulante?", gritou o Presidente da Câmara, e ao mesmo tempo piscou o olho ao Conselheiro. "Os ratos estão todos mortos e afogados", murmurou. Assim "Podes fazer o teu pior, meu bom homem", e com isto deu meia-volta.

"Muito bem", disse o Flautista e esboçou um sorriso tranquilo. Com isto, colocou a flauta nos lábios novamente, mas desta vez não ecoou nenhuma nota estridente, ou seja, nada arranhou e roeu, nem guinchou nem correu, era sim uma melodia alegre e ressoante, cheia de sorrisos e brincadeiras alegres. E enquanto ele caminhava pelas ruas, os habitantes riam, mas da sala de aula, do recreio, do infantário, saíram todas as crianças a correr com alegria, ansiosos e aos gritos seguindo alegremente a melodia do Flautista. Dançando, rindo, dando as mãos e tropeçando, a multidão animada subiu a rua Dourada e desceu a rua Prateada. Por detrás da rua Prateada, ficava a floresta verdejante cheia de velhos carvalhos e extensas faias. Dentro e fora dos carvalhos, era possível vislumbrar o casaco colorido do Flautista.

Podemos ouvir o riso das crianças desaparecer até se deixar de ouvir à medida que foram avançando na densa floresta. Este estranho homem andou e as crianças seguiram-no.

Enquanto isto, os habitantes assistiram a tudo e esperaram. Agora já ninguém se ria. Por mais que tenham observado e esperado, eles nunca mais voltaram a ver o Flautista no seu casaco colorido.

Nunca mais os seus corações se alegraram com a música e dança das crianças a sair por entre os antigos carvalhos da floresta.

ANGOLA

A mosca e o mosquito

Neusa da Conceição Manuel Tuti, Covilhã

A mosca e o mosquito eram dois grandes amigos.

Certo dia, ambos combinaram ir tomar banho ao rio. Quando lá chegaram, entraram no rio.

Porém, o Mosquito foi o primeiro a sair terminando o banho. Ao vestir-se, apertou em demasia o cinto e em consequência disto, a cintura rebentou.

Quando a sua amiga mosca viu o que lhe aconteceu, riu-se e de tanto rir, abriu a boca até atingir a nuca, a ponto de não a conseguir fechar, definitivamente.

Moral da história: Nunca devemos festejar a desgraça alheia, pois não sabemos o que nos espera amanhã.



Cabo Verde

Blimundo

Carlyvete da Fonseca, Covilhã



Era uma vez um boi que se chamava Blimundo. Ele trabalhava para um rei e era enorme, lindo e tão forte que, cada vez que mugia, todo o mundo estremecia!

Trabalhava num trapiche, que todos os dias às voltas, às voltas, o fazia sentir-se cada vez mais cansado. Não parava de pensar em como conseguir deixar aquele trabalho de escravo, que cada vez aumentava mais as riquezas do rei e do palácio.

A Rainha e as Princesas tinham cada vez roupas mais bonitas e os soldados as fardas mais reluzentes.

- Cada vez trabalho mais. Eu e os meus amigos é que sustentamos este luxo... O que hei-de fazer? - questionava-se ele.

Um dia, cansado, decidiu fugir do palácio para bem longe.

O Rei, furioso, decidiu que Blimundo teria que ser apanhado e mobilizou todos os soldados, dizendo que queria o boi de volta, vivo ou morto (de preferência vivo).

E lá partiu o primeiro batalhão. Os soldados, cheios de medo, desceram e subiram rochas, tremeram aos mugidos de Blimundo... e não resistiram aos primeiros coices. Só sobrou um soldado que regressou ao palácio para contar ao Rei o sucedido.



Muito zangado com a falta de valentia daqueles homens, o Rei ordenou a partida de um segundo batalhão, a quem aconteceu o mesmo.

Até que um belo dia a Rainha trouxe "a chave" do segredo para dar a volta de Blimundo: "Ele gosta de música...", revelou.

- De quê? - perguntou o Rei, incrédulo.

- De música, tenho a certeza! Conheço bem o rapaz que costuma tocar cavaquinho por aqui, podíamos mandá-lo aos campos... - sugeriu a Rainha.

O rapazinho também sabia de outro grande segredo que Blimundo escondia: estava apaixonado pela "Codêzinha".

Entusiasmado, o rapazinho partiu de cavaquinho numa mão e na outra o farnel de que mais gostava: pipocas e uma cabaça com água.

"Tim, tim..."

Tim, tim..."

Tim, tim..."

Tim, tim..."



... ó Blimunde, Senhor Rei

Mandó'm bem b'escóbe Bô bem casá c'sê codizinha

Tlim tlim na nha cavaquim Cróp, cróp na nha

pretêm Tlim tlim na nha cavaquim

Glu, glu na nha bli d'ága"

O rapazinho andou e andou, desceu e subiu, tocando e cantando sempre, até que lhe chegaram aos

ouvidos os primeiros mugidos. Primeiro muito ao longe, depois perto e cada vez mais perto. Cada vez mais encantado com a música, Blimundo ia-se aproximando...

- Toca mais, mais perto do meu ouvido. "Ó Blimunde, Senhor Rei..." - pediu Blimundo - Para que não te canses tanto, sobre para o meu pescoço, rapaz!

Do alto do Blimundo, a cantiga cada vez soava melhor.

- ...ó Blimundooooooooo...

E tocando o seu cavaquinho, andando e andando, subindo e descendo, descendo e subindo, o rapazinho levava Blimundo distraído pelo caminho.

Quando chegaram ao palácio do Rei, ninguém acreditava no que via! Um rapaz tão pequenino, com um instrumento também pequeno, como conseguira? Foram todos espertar boquiabertos... Só poderia ser um milagre!

O Rei fez entrar Blimundo dizendo que o barbeiro o prepararia para o casamento com a "codêzinha"

- Ao menos fazes a barba!... - sussurrou o rei, que já tinha maldades combinadas com o barbeiro.

Blimundo sentou-se na cadeira do barbeiro. A toalha à volta do pescoço era a mais branca de todas.

Foi ensaboado e... eis quando um golpe de navalha deu em cheio no pescoço de Blimundo!

Com a força dos coices de Blimundo, o Rei voou e desapareceu para sempre... e o nosso Blimundo foi viver a sua liberdade e a lembrança do seu amor noutra terra. Mas, pelas rochas e vales das ilhas, os ecos ainda trazem a memória desses sons cheios de magia...

"... ó Blimunde, Senhor Rei mandó'm bem

b'escóbe Bô bem casá c'sê codizinha

Tlim tlim na nha cavaquim

Cróp, cróp na nha

pretêm Tlim tlim na nha cavaquim

Glu, glu na nha bli d'ága

Agora, má grande ta bá panhá,

má piquenim ta bá cerca"



Inglaterra

Jack and the Beanstalk

Tim Duffin, Penamacor

Era uma vez uma pobre viúva que tinha um filho chamado Jack e uma vaca chamada Milky-white. Tudo o que tinham para viver era o leite que a vaca dava todas as manhãs e que levavam ao mercado para vender. Mas, uma manhã, a Milky-white não deu leite e eles não sabiam o que fazer.

- O que devemos fazer, o que devemos fazer? - perguntou a viúva, torcendo as mãos.

- Anima-te, mãe, eu vou trabalhar para algum lado -, disse Jack.

- Já tentámos isso antes, e não deu resultado. - respondeu mãe - Temos de vender a Milky-white e com o dinheiro fazer alguma coisa.

- Muito bem, mãe, - concordou Jack - hoje é dia de mercado e, em breve, venderei a Milky-white. Depois veremos o que podemos fazer.

Então ele agarrou na vaca e começou o seu caminho, até que conheceu um senhor de aspeto engraçado que lhe disse:

- Bom dia, Jack. Para onde vais?

- Bom dia, para ti - respondeu Jack, perguntando-se como é que ele sabia o seu nome - Vou ao mercado vender esta vaca.

- Oh, pareces o tipo indicado para vender vacas - disse o homem - Pergunto-me se sabes quantos feijões fazem cinco.

- Dois em cada mão e um na boca -, ripostou Jack, tão afiado como uma agulha.

- Tens razão. E aqui estão os feijões -, disse o homem enquanto continuou a arrancar do seu bolso uma série de feijões de aspeto estranho. - Como és tão afiado, - continuou - não me importo de fazer uma troca contigo; a tua vaca por estes feijões.

- Walker! - perguntou Jack à vaca - Não gostarias?

- Ah! não sabes o que são estes feijões, - explicou o homem - se os plantares durante a noite, pela manhã eles crescem até ao céu.

- A sério? - perguntou o Jack - Não pode ser.

- Sim, é. Se não for verdade, podes ter a tua vaca de volta.

- Certo - concordou Jack, entregando a vaca e guardando os feijões nos bolsos.

Como não tinha ido muito longe, ainda não estava a anoitecer quando Jack chegou à sua porta.

- Então, Jack? - perguntou a mãe dele - Vejo que não tens a Milky-white contigo, por isso vendeste-a. Quanto é que recebeste por ela?

- Nunca vais adivinhar, mãe - respondeu Jack.

- Não, ainda não me disseste, meu lindo menino! Cinco libras, dez, quinze? Não, não pode ser vinte?

- Eu disse-te que não podias adivinhar... O que dizes a estes feijões? São mágicos, plantamo-los durante a noite e...



- O quê? - gritou a mãe do Jack, - Foste tão tolo, tão idiota, que deste a minha Milky-white, a melhor vaca da paróquia, carne de primeira, por um conjunto de feijões insignificantes? Toma lá! Toma lá! Toma lá! E quanto aos teus preciosos feijões, eles saem pela janela. E vais já para a cama! Nem uma ceia bebereis, e nem um pouco engolireis esta mesma noite.

Então Jack subiu ao seu pequeno quarto no sótão, triste e arrependido, até que adormeceu.

Quando ele acordou, o sol brilhava apenas numa parte do quarto, todo o resto era bastante escuro e sombrio.

Então saltou da cama, vestiu-se e foi para a janela.

E o que ele viu? Os feijões que a sua mãe tinha atirado pela janela, tinham-se tornado num grande pé de feijão que subiu e subiu até chegar ao céu. Afinal de contas, o homem disse a verdade.



O pé de feijão cresceu bastante perto da janela de Jack, por isso tudo o que ele tinha de fazer era abri-la e dar um salto para o pé de feijão, que era como uma grande escada entrançada. Então Jack escalou e escalou e escalou e escalou e escalou e escalou... até finalmente chegar ao topo! Quando lá chegou, encontrou uma longa e larga estrada, que percorreu até chegar a uma casa gigante, à porta da qual estava uma mulher grande e alta.

- Bom dia, senhora - afirmou Jack, muito educado - Poderia ter a gentileza de me dar o pequeno almoço? - perguntou ele, pois não tinha comido nada na noite anterior e estava tão faminto como um caçador.

- É o pequeno-almoço que queres, não é? - questionou a grande mulher alta - É o pequeno-almoço que serás, se não te afastares daqui. O meu homem é um ogre e não há nada de que ele goste mais do que rapazes grelhados em torradas. É melhor seguires ou ele virá em breve.

- Oh! por favor senhora, dá-me algo para comer. Não como nada desde ontem - pediu Jack - Posso muito bem ser grelhado, como morrer de fome.

Afinal, a mulher do ogre não era assim tão má. Ela levou Jack para a cozinha e deu-lhe uma fatia de pão com queijo e um jarro de leite. Mas o Jack ainda não tinha acabado metade destes quando a casa inteira começou a tremer com o barulho de alguém a chegar.

- Meu Deus, gracioso sejas! É o meu velhote - exclamou a mulher do ogre - O que é que eu devo fazer? Vem depressa e salta para aqui. - ordenou, enquanto colocava Jack no forno.

Era mesmo grande! No seu cinto tinha três bezeros pendurados pelos calcanhares. Desatou-os e atirou-os para cima da mesa e disse:



Ilustração 7º ano AEVVR

- Mulher, grelha-me um par destes para o pequeno-almoço. Que cheiro é este? Fee-fi-fo-fum, sinto o cheiro do sangue de um inglês, Esteja ele vivo, ou esteja morto

Vou ter os seus ossos para moer o meu pão.

- Disparate, querido -, esclareceu a sua esposa - Estás a sonhar! Ou talvez sintas o cheiro dos restos daquele rapazinho do teu jantar de ontem. Anda, vai lavar-te e arrumar-te, e quando voltares o teu pequeno-almoço estará pronto para ti.

Então o ogre lá foi e Jack ia fugir quando a mulher lhe disse:

- Espera até ele estar a dormir, ele faz sempre uma soneca depois do pequeno-almoço.

Depois do ogre tomar o seu pequeno-almoço, foi a uma grande arca de onde tirou sacos de ouro e sentou-se a contá-los, até que finalmente começou a rressonar e toda a casa começou a abanar novamente.

Jack saiu em bicos de pés do forno e, enquanto passava o ogre, agarrou num dos sacos de ouro e colocou debaixo do braço. Ao chegar ao pé do feijão, atirou o saco, que caiu no jardim da sua mãe.

Depois desceu até finalmente chegar a casa e contou à sua mãe mostrando-lhe o ouro:

- Bem, mãe, afinal tinha razão acerca dos feijões, eles são realmente mágicos!

Viveram do saco de ouro durante algum tempo, mas, quando este terminou, Jack decidiu tentar a sua sorte mais uma vez no topo do pé de feijão. Então, numa bela manhã, levantou-se cedo e subiu, subiu, subiu, subiu, subiu e subiu, até que finalmente chegou à grande casa onde tinha estado antes. Lá, com certeza, estava a grande mulher de pé no degrau da porta.

- Bom dia, senhor! - exclamou Jack, tão ousado como o latão - Podia ser tão boa ao ponto de me dares algo para comer?

- Vai-te embora, meu rapaz - disse a mulher grande e alta - ou então o meu homem vai comer-te ao pequeno-almoço. Tu não és tu o jovem que já cá veio da outra vez? Sabes, nesse dia, o meu homem perdeu um dos seus sacos de ouro.

- Isso é estranho - respondeu Jack, - Atrevo-me a dizer-te algo sobre isso, mas tenho tanta fome que só posso falar depois de comer alguma coisa.

A mulher grande e alta estava tão curiosa que o acolheu e lhe deu algo para comer. Mal ele tinha começado a comer, ouviram os passos do gigante e a sua mulher escondeu o Jack no forno.

Tudo aconteceu como da outra vez. Entrou o ogre, e disse:

- Fee-fi-fo-fum! - e tomou o seu pequeno-almoço com três bois grelhados - Esposa, traz-me a galinha que põe os ovos de ouro.

Ela trouxe-a e o ogre ordenou:

- Põe! - e a galinha pôs um ovo todo de ouro, enquanto o ogre começou a acenar com a cabeça e a rressonar até a casa tremer.

Então Jack saiu do forno em bicos de pés e agarrou a galinha dourada, saindo antes que o apanhassem. Mas desta vez a galinha deu um cacarejar que despertou o ogre. Assim que Jack saiu de casa ouviu-o chamar:

- Mulher, esposa, o que fizeste com a minha galinha dourada?

E a esposa disse:

- Porquê, meu querido?

Mas isso foi tudo o que Jack ouviu, pois correu para o pé de feijão e desceu como se fugisse duma casa em chamas. Quando chegou a casa mostrou à sua mãe a maravilhosa galinha e disse-lhe:

- Põe! - e ela punha um ovo dourado cada vez que ele dizia "Põe".

Mas Jack não estava contente e não demorou muito até que ele decidisse tentar de novo a sua sorte lá em cima no topo do pé de feijão.

Então, numa bela manhã, levantou-se cedo e foi para o pé de feijão. Subiu e subiu e subiu até chegar ao topo.



Desta vez ele sabia melhor como ir diretamente para a casa do ogre e, quando se aproximou, esperou atrás dum arbusto até ver a mulher do ogre sair com um balde para ir buscar um pouco de água. Então, entrou na casa escondendo-se. Não estava lá há muito tempo quando ouviu um enorme barulho como antes, e entraram os dois, o ogre e a sua mulher.

- Fee-fi-fo-fum, cheiro o sangue de um inglês. - gritou o ogre - Cheiro-o, mulher, cheiro-o!

- Sentes, meu querido? - retorquiu a mulher do ogre - Então, se foi aquele pequeno patife que roubou o teu ouro e a galinha dos ovos de ouro, tenho a certeza que estará no forno.

E ambos se apressaram a ir ao forno. Mas Jack não estava lá, felizmente, e a esposa do ogre disse:

- Lá estás tu outra vez com os teus cheiros - fi-fo-fum. Claro que é o rapaz que apanhaste ontem à noite que eu grelhei para o teu pequeno-almoço. Como estás esquecido e descuidado que já nem sabes a diferença entre um vivo e um morto.

Então o ogre sentou-se a tomar o pequeno-almoço, mas de vez em quando murmurava: - Bem, eu podia jurar... - e levantava-se e revistava a despensa, os armários e tudo, mas felizmente não o encontrou.

Depois do pequeno-almoço, o ogre gritou:

- Esposa, esposa, traz-me a minha harpa dourada. - ordenou, acrescentando para a harpa - Canta!

E a harpa dourada cantou de forma muito bonita e continuou a cantar até o ogre adormecer e começar a ressonar como um trovão. Então, Jack levantou a tampa de cobre muito silenciosamente, desceu como um rato, arrastou-se sobre as mãos e joelhos até chegar à mesa. Quando se levantou, pegou na harpa dourada e atirou-se com ela para a porta. Mas a harpa gritou em voz bem alta:

- Mestre! Mestre! - e o ogre acordou mesmo a tempo de ver Jack a fugir com a sua harpa.

Jack correu o mais depressa que pôde e o ogre veio a correr atrás, mas Jack esquivou-se e chegou ao pé do feijão. O ogre não estava a mais de vinte metros de distância quando, de repente, Jack o viu desaparecer. O ogre não conseguia descer por tal escada, por isso ficou de pé e esperou. Mas a harpa gritou: "Mestre! mestre!" e o ogre balançou-se sobre o pé de feijão que tremia com todo o seu peso.

Nessa altura, Jack já tinha descido e estava muito próximo de casa. Por isso, gritou:

- Mãe! mãe! Traz-me um machado, traz-me um machado!

A mãe veio a correr com o machado na mão, mas quando chegou ao pé do feijão ficou parada com o susto, pois viu o ogre a descer.

Jack saltou, agarrou o machado e deu um golpe no pé de feijão que o cortou ao meio. O ogre sentiu o pé de feijão a tremer. Jack deu outra machadada e o pé de feijão, cortado ao meio, começou a cair. O ogre caiu, partiu a sua coroa e entrou num buraco bem fundo, onde nunca mais o viram.

Jack mostrou à sua mãe a sua harpa dourada. Com a demonstração e venda dos ovos dourados, ele e a mãe ficaram muito ricos. Jack casou com uma princesa e viveram felizes para sempre!



Índia

O Corvo Com Sede

Leo Manqueen, Penamacor

Num dia muito quente de Verão, um corvo cheio de sede em busca de água, sobrevoava uma aldeia. Ele voou sobre as casas, os campos e as árvores, mas não encontrou uma gota de água em lado nenhum.

Passado algum tempo, deparou-se com uma quinta, na qual, debaixo de uma das árvores, avistou um cântaro de água.

Feliz por finalmente ter encontrado água, desceu até à árvore e depois até ao chão. Rapidamente, avançou em direção ao cântaro e olhou para dentro. No entanto, ficou muito desapontado ao olhar para o jarro, pois constatou que este tinha muito pouca água no fundo e um pescoço muito estreito, enquanto o seu bico era muito curto.

Ele tentou empurrar a vasilha para baixo para deixar sair a água, mas esta era demasiado pesada. Mais uma vez, o corvo ficou desapontado. Estava realmente com muita sede e precisava muito de um pouco de água!

Podia ter desistido e voado para outra quinta, à procura de água, mas não o fez. Em vez disso, exausto com o calor e sede, ele olhou à sua volta e pensou: "Que mais posso eu fazer?"

Até que reparou que havia muitas pedras na quinta e teve uma ideia! Apanhou uma pedra e colocou-a no jarro, recolheu outra ainda maior e mais algumas e colocou-as todas no jarro. À medida que ia acrescentando cada vez mais pedras, o nível da água ia subindo até à borda, até conseguir beber água sem parar. Quando terminou de beber toda a água, a energia do corvo foi finalmente reabastecida. Começou a sentir-se melhor e voou alegremente.



Ilustração
Jardim de Infância AEVVR

Congo

O Leão Fiel

Auguste Mouanga, Covilhã

Era uma vez um chefe tribal muito cruel com seus súbitos. Ele exigia que os seus todos lhe obedecessem cegamente, que lhe oferecessem os seus bens mais queridos e que, à noite, dançassem para ele, mesmo apesar do cansaço extremo que tinham por obedecerem todo o dia ao chefe.

Um dia, um de seus súbitos revoltou-se. Ele não queria mais submeter-se a essas ordens injustas e decidiu abandonar a tribo.

- Serás uma presa fácil para os animais selvagens - disseram seus amigos.

- Um homem inteligente sempre consegue encontrar uma solução. Prefiro morrer do que continuar a viver privado da minha liberdade - respondeu ele, decidido a não dar ouvidos aos conselhos dos amigos.

Furioso, pegou na sua lança e partiu imediatamente.

Durante alguns dias viveu na Savana, alimentando-se do que caçava e saciando a sede no rio.

Um dia, a erva ondulou à sua frente e dos arbustos surgiu um enorme leão. O homem agarrou a sua lança e esperou por um movimento do leão.

Para sua surpresa, a besta não o atacou e, em vez disso, parou e, gemendo, estendeu a pata. Então o homem percebeu que o leão estava ferido, pois tinha um espinho comprido cravado na sua pata.

"O leão é um inimigo poderoso", pensou o homem, "mas ajudar um inimigo caído é prova de Nobreza. Eu tenho que superar meu medo".

Encheu-se de coragem, superou o medo e aproximou-se lentamente, passo a passo, do leão.

Quando estava perto, colocou a lança na erva, ajoelhou-se à frente do leão e gentilmente removeu o espinho. Em seguida, ligou o ferimento com um pedaço de pano rasgado da sua própria camisa.

O leão, percebendo que o homem o tinha salvo, rugiu em forma de agradecimento e nunca mais o deixou. Assim que sua pata ficou curada, ele passou a caçar ao lado de seu salvador e a amizade entre o animal e o homem cresceu de dia para dia.

Depois de alguns meses, o homem e o leão decidiram voltar para a aldeia. Os habitantes, apavorados com a besta, esconderam-se, mas o homem disse que não tinham nada a temer. O leão não faria mal às pessoas honestas, pois ele tinha vindo com o único propósito de punir o tirano.

Sentindo que o seu fim estava perto, o chefe tribal fugiu a toda velocidade e nunca mais voltou para a aldeia.

Desde aquele dia, todos viveram em paz. O sábio foi eleito chefe da tribo e governou com honestidade e justiça. O leão protegia a aldeia dos invasores e, junto com seu amigo, caçava os animais que serviam para alimentar o povo.



Reino Unido

O tigre que veio para o chá

Família Bristowe; Fundão



Era uma vez, uma menina chamada Sophie, que estava a beber chá com mãe na cozinha, quando, de repente, bateram à porta.

A mãe da Sophie estranhou: "Huum, quem será? O leiteiro não é, porque já veio esta manhã. O rapaz da mercearia não é, porque não é o dia em que ele costuma vir. E também não é o papá, porque ele tem a chave. É melhor abriremos a porta e vermos quem é".

A Sophie abriu a porta. Era um tigre grande, peludo e listrado, que disse: "Desculpe, mas estou com muita fome. Acha que posso beber um chá com vocês?"

A mãe da Sophie respondeu: "Claro que sim, entre."

Então o tigre entrou na cozinha e sentou-se à mesa.

A mãe da Sophie perguntou: "Quer uma sandes?". Mas o tigre não aceitou apenas uma sandes. Ele agarrou em todas as sandes do prato e engoliu-as de uma só vez. Owp!

Uma vez que ele parecia ainda estar com fome, a Sophie passou-lhe o prato com os restantes pães.

Mais uma vez, o tigre não comeu apenas um pão. Ele comeu todos os pães do prato, todos os biscoitos e o todo o bolo, até não sobrar nada na mesa!

Então, a mãe da Sophie perguntou: "Quer uma bebida?". E o tigre bebeu todo o leite da jarra e todo o chá do bule. Então, ele olhou em redor da cozinha para ver o que poderia comer mais. E comeu o jantar que estava a fazer nas panelas, a comida toda do frigorífico, todos os pacotes e latas que estavam no armário e bebeu todo o leite, todo o sumo de laranja, toda a cerveja do papá e toda a água da torneira!

Depois de comer e beber tudo o que existia, ele anunciou: "Obrigado pelo bom chá! Acho melhor eu ir andando.". E foi.

Depois da saída do tigre a mãe da Sophie desabafou: "Não sei o que fazer. Não tenho nada para fazer o jantar do papá, pois o tigre comeu tudo!". E a Sophie lembrou-se que também não podia tomar banho porque o tigre tinha bebido a água toda da torneira!

Quando o pai da Sophie voltou para casa, a Sophie e a mãe contaram-lhe o que tinha sucedido e como o tigre tinha comido toda a comida e bebido toda a bebida.

O pai de Sophie anunciou então: "Não se preocupem, eu sei o que vamos fazer. Tive uma ideia excelente. Vamos vestir os nossos casacos e vamos jantar ao restaurante."

Então, eles saíram ao anoitecer, já os candeeiros da rua e as luzes dos carros estavam acesas, e desceram a rua até ao restaurante, onde comeram um belo jantar: salsichas com batatas fritas e gelado.

De manhã, a Sophie e a mãe foram às compras e compraram muito mais coisas para comer. Também compraram uma lata bem grande de comida para tigre, para o caso de ele se lembrar de querer voltar a vir tomar chá... mas ele nunca mais voltou!



Espanha

Periquillo

Familia Gomes, Fundação

Havia um casal de agricultores que eram tão pequenos que as pessoas os conheciam pelo apelido de "os cânhamos". Isto não os incomodava, no entanto, queixavam-se de não terem filhos. Quando os ouviam a lamentarem-se, as pessoas diziam-lhes:

- Porque querem uma criança? Porque querem um filho se ele vai ser um cânhamo?

E os dois responderam:

- Bem, e depois? Sendo cânhamo ou não, queremos ter um filho.

E assim foi: Deus deu-lhes um filho. Ele nasceu pequeno como um cânhamo, pelo que lhe chamaram Periquillo e, uma vez que não cresceu assim tanto, Periquillo permaneceu Periquillo.

À medida que o tempo passava, Periquillo permanecia pequeno como sempre, mas era um rapaz com força de vontade e não se encolheu por ser tão pequeno.

Um dia, quando o seu pai tinha ido trabalhar para o campo, logo de manhã cedo, e a sua mãe estava a preparar o burro com a comida para o levar ao pai, Periquillo disse:

- Mãe, deixa o burro comigo, eu levo a comida ao pai.

E a mãe perguntou espantada:

- Como é que vais levar o burro até ele, tão pequeno como és?

E Periquillo respondeu:

- Mãe, acaba de preparar o burro que eu levo-lho.

A mãe pôs a mochila no burro e colocou a comida nela, juntamente com outras coisas que o pai precisava. Assim que ela terminou, Periquillo saltou para a sela da matilha, correu pelo pescoço do burro, sentou-se numa das suas orelhas e disse-lhe calmamente:

- Vá lá, burro! Tudo, burro!- e o burro começou a andar.

Enquanto iam pela estrada, três ladrões apaneceram atrás de uma pedra e disseram um ao outro:

- Vamos buscar o burro, ele está sozinho.

Ouvindo-os, Periquillo, que tinha um ouvido muito bom, disse em voz alta para que eles o pudessem ouvir também:

- Ai de quem se aproximar do meu burro... Mato-o e corto-o em pedaços!

Periquillo fez então o burro acelerar o seu ritmo, enquanto os ladrões pararam, tentando adivinhar onde estava escondido aquele que lhes tinha falado. Entretanto, Periquillo chegou ao local onde o seu pai trabalhava e disse-lhe:

- Pai, trago aqui a tua comida.

E o pai, que só conseguia ver o burro, mas tinha reconhecido a voz do filho, disse:

- Onde estás filho, que eu não te vejo?

- Eu estou aqui, no ouvido do burro! - respondeu Periquillo, enquanto saltava para baixo.

Então, disse ao seu pai:

- Pai, vou fazer-te uns sulcos enquanto comes.

- E como é que o vais fazer? Por mais pequeno que sejas, não consegues lidar com os bois. - questionou o pai.

- Vais ver que eu consigo, - tranquilizou-o o rapaz.



Ilustração 4º ano AEVVR



E enquanto o seu pai comia, subiu ao jugo que mantinha os animais juntos e começou a gritar aos bois. Quando os bois o ouviram, começaram a fazer um sulco. Em seguida, voltaram e fizeram outro, e assim por diante, indo e voltando e fazendo sulcos, até o seu pai terminar a sua refeição.

Depois passaram toda a tarde juntos, até que o sol se pôs e foram para casa.

Já em casa, o pai colocou os bois no estábulo e preparou a forragem para eles. Periquillo, que estava muito cansado, deitou-se no berço do boi Colorão e adormeceu. Foi então que o boi Colorão começou a comer e, sem dar por isso, engoliu Periquillo!

Na hora de jantar, os pais fartaram-se de chamar a criança mas, por muito que o procurassem, não o encontravam em lado nenhum. Começaram a procurá-lo por toda a casa e quando o pai passou pelo estábulo ouviu Periquillo falar dentro do boi a dizer:

-Pai, mata o boi! Pai, mata o boi Colorão, que me comeu inteiro!

Então, o pai levou o boi para o campo, matou-o e cortou-o com uma faca, mas por muito que procurasse nas entranhas e em todo o lado não conseguiu encontrar Periquillo.

O corpo do boi permaneceu no campo até que um lobo que rondava a aldeia passou por ali e comeu as suas entranhas... e Periquillo com elas!

No dia seguinte, quando o lobo estava à procura de gado para comer, Periquillo começou a gritar:

-Pastores, o lobo está a chegar!

Os pastores, ouvindo as suas vozes, rodearam o lobo e espancaram-no até à morte com paus. Quando o mataram, começaram a abri-lo com as suas facas e Periquillo, de dentro, disse-lhes para terem cuidado para não o magoarem. Mas por muito que os pastores parecessem duros, não viram Periquillo.

Então, um dos pastores decidiu fazer um tambor com a pele do lobo para ir com ele às festividades da aldeia e Periquillo ficou dentro do tambor, sem que ninguém desse por isso. O pastor manteve o tambor ao lado de um enorme carvalho e partiu com os outros. Periquillo arranhou a pele do tambor com toda a sua força e, pouco a pouco, conseguiu abrir um pequeno buraco através do qual podia espetar a cabeça. Quando espreitou para fora viu dois ladrões a chegar, carregando um grande saco de dinheiro, que o esconderam no oco do carvalho. Antes de se irem embora disseram:

- Aqui estará seguro esta noite e amanhã vamos dividir o dinheiro.

Quando desapareceram, Periquillo tirou a cabeça do tambor e depois o seu corpo. Assim que se conseguiu libertar, correu para casa, onde os seus pais, até aí tristes e desconsolados, ficaram felicíssimos quando viram Periquillo chegar são e salvo.

Periquillo contou-lhes tudo o que lhe tinha acontecido desde que o boi o tinha comido e também que tinha visto os ladrões. Então ele e o pai foram ao carvalho, tiraram o saco escondido, viram que estava cheio de moedas de ouro e decidiram levá-lo para casa. O seu pai comprou outro boi como o Colorão, e ainda lhes sobrou dinheiro suficiente para comprar muito mais coisas de que precisavam!



Brasil

A história do Saci-pererê

Samara Lorrane Sena, Covilhã e Família Costa, Fundação



O Saci-pererê, ou simplesmente Saci, é um menino negro e travesso, que fuma cachimbo e carrega um gorro vermelho que lhe concede poderes mágicos.

Uma das importantes características desta personagem é que ele possui apenas uma perna.

O Saci-pererê é uma personagem muito travessa, que se diverte fazendo brincadeiras com os animais e com as pessoas.

As suas principais travessuras são trançar os cabelos dos animais durante a noite, fazer sumir objetos (como os dedais das costureiras) e, ainda, assobiar de maneira muito estridente para assustar os vigantes.

Reza a lenda que ele costuma atrapalhar o trabalho das cozinheiras, trocando os recipientes de sal e açúcar ou fazendo-as queimar a comida.

Além de suas travessuras, é importante notar que o Saci tem o domínio das matas e, por isso, possui outra função denominada "farmacopeia". Assim, o Saci é o guardião das ervas e das plantas medicinais. Ele conhece as suas técnicas de manuseio e de preparo, bem como de sua utilização acerca dos medicamentos feitos a partir de plantas.

Em muitas regiões do Brasil, o Saci é considerado uma personagem maléfica, pois guarda e cuida das ervas sagradas presentes na mata e costuma atrapalhar e confundir as pessoas que as recolhem sem autorização.

A lenda garante que para capturar o Saci-pererê a pessoa deve arremessar uma peneira dentro dos redemoinhos de vento. Dessa maneira, após capturá-lo, é necessário retirar-lhe o gorro para prendê-lo numa garrafa.

Acredita-se que o Saci nasceu do broto de bambu, permanecendo ali até os sete anos e, após esse período, vive mais setenta e sete praticando suas travessuras entre os humanos e os animais.

Por fim, ao morrer, o Saci torna-se um cogumelo venenoso.



Holanda

Sinterklaas

Flora van Heteren, Penamacor

Há muitos anos atrás, quando ainda não existiam carros, comboios ou aviões, havia um homem santo que se chamava Nicolaas. O seu nome oficial era Sint Nicolaas mas, se o conhecessem bem, chamar-lhe-iam Sinterklaas. (Sint significa Santa)

Foram feitas imensas canções sobre ele, que as crianças cantavam e, possivelmente, ainda cantam.

Conta-se que este homem santo, que era um Bispo e vivia em Marrocos ou talvez em Espanha, cavalgava num cavalo branco de nome de Amerigo, usava uma capa vermelha de veludo, uma mitra e segurava um cajado dourado.

Tinha muitos gjudantes que eram escravos negros e vestiam bonitos trajes de veludo, coloridos, com calças curtas e meias brancas e belos sapatos de seda macia.

Usavam ainda chapéus de veludo com uma grande pluma de avestruz pendurada, caída para baixo, sob os seus ombros. Estes homens eram tão negros que se podia ver o branco cintilante dos seus olhos e dos dentes e estavam sempre alegres e sorridentes, cheios de alegria. Sentiam-se muito felizes por serem os gjudantes do Nicolau! Chamavam-lhes Zwarte Pieten - o que significa "patos negros" - e tinham todos nomes diferentes, como Pedro, Miguel, Juan ou outros nomes espanhóis.

Eles estavam lá para gjudar o Homem Santo a encontrar as crianças obedientes e, muitas vezes, encontravam algumas que não o eram. As crianças que se portavam mal, eram apanhadas pelos "patos negros" do Homem Santo e colocadas num saco de pano. Conta-se que eles usavam essas crianças para fazer "pepernoten", uma guloseima que se costumavam atirar às crianças na sua passagem. Aqueles gjudantes tinham ainda na mão um "Roe", isto é, um punhado de paus seguros com um cordel, que servia para bater nas crianças malandras e que se portavam mal.



Hoje em dia, felizmente, nunca vi isso acontecer.

O Homem Santo e os seus ajudantes visitavam o meu país, os Países Baixos, uma vez por ano, no início de dezembro. Ele vinha num barco de Espanha, juntamente com o seu cavalo e todos os seus ajudantes! Era um momento de festa para nós, porque celebrávamos o seu aniversário, a 5 de dezembro. Nessa ocasião, ele oferecia presentes a todas as crianças, jovens e velhos que tivessem tido um bom comportamento nesse ano. Era também um momento um pouco assustador, porque os Zwarte Pieten, os tais "patos negros", podiam estar no bairro, com o seu Roe e o seu saco, por isso os meninos eram todos simpáticos e portavam-se muito bem.

Este Santo Bispo, embora agora já deva ser velho, ainda faz todos os anos esta viagem e o seu cavalo tem poderes mágicos que lhe permitem andar sobre os telhados das casas. Ele faz isso para poder enviar os presentes que escolheu para cada um de nós pela chaminé! De vez em quando, os seus ajudantes descem mesmo pela chaminé para recolher a grande cenoura para o cavalo, que costumamos colocar num sapatinho em frente ao fogão a lenha, e para levarem a carta que escrevemos para o Homem Santo e na qual mencionámos o presente que gostaríamos de receber.

Não sei como é que ele entrega todas as suas prendas quando existem casas que não têm chaminé!

Devo acrescentar Sinterklaas tem cada vez mais dificuldade em continuar a sua filantropia. Algumas pessoas pensam que ele não deveria ter escravos, pois essa situação é agora oficialmente proibida e é politicamente incorreta... Mas como pode ele fazer todo este trabalho sozinho com o seu cavalo?



Inglaterra

Whittington and His Cat

Tim Duffin, Penamacor

Há muito tempo atrás havia um rapaz muito pobre chamado Dick Whittington, que vivia numa pequena aldeia no campo e não tinha mãe, nem pai, para cuidar dele. Por isso, o menino passava fome muitas vezes e sonhava com as histórias que ouvia acerca dum lugar longinquo chamado Londres, onde todos eram ricos e as ruas eram pavimentadas a ouro. Dick Whittington estava determinado a visitar Londres e escavar o ouro das ruas em quantidade suficiente para criar a sua fortuna!



Um dia, travou conhecimento com um cocheiro muito simpático que estava a caminho de Londres e se ofereceu para lhe dar uma boleia.

Ambos seguiram viagem e, ao chegar à grande metrópole, Dick não quis acreditar no que estava a ver! Viu cavalos, carruagens, centenas de pessoas, edifícios imponentes e muita lama, mas em lado algum encontrou ouro. Que decepção! Como é que ia construir a sua fortuna? Como é que ia sequer alimentar-se?

Após alguns dias sem se alimentar, a fome era tanta que não aguentou e desmaiou, caindo em cima dum degrau irregular, à porta de casa dum comerciante rico. De dentro da casa surgiu uma cozinheira:

- Sai daqui, seu maltrapilho imundo! - gritou ela, enquanto procurava afastá-lo do degrau com a sua vassoura.

Nesse momento, o comerciante estava a regressar a casa e, uma vez que era um homem bondoso, teve pena do pobre rapaz.

- Leva-o para dentro. - ordenou ao servente.

Depois de ter comido e descansado, o comerciante ofereceu a Dick um trabalho na cozinha. O rapaz ficou muito grato ao comerciante, mas, infelizmente, a cozinheira era uma pessoa de mal com a vida. Sempre que não estava ninguém por perto, ela beliscava o pobre rapaz. Dick ficou triste também por ter de dormir num quarto minúsculo, situado na parte superior da casa, cheio de ratos e ratazanas que subiam para a sua cara e tentavam morder-lhe o nariz.



Ele andava tão desesperado que poupou todas as suas moedinhas para poder comprar um gato. E o gato que comprou era verdadeiramente especial: era o melhor gato de Londres a caçar ratos e ratazanas.

Semanas mais tarde, a vida de Dick tinha melhorado substancialmente, graças ao astuto felino, que tinha afastado todos os ratos e ratazanas.



Finalmente ele conseguia dormir descansado!

Passado pouco tempo, Dick ouviu o comerciante perguntar aos hóspedes se havia algo que pudessem enviar para o seu navio e que pudesse ser vendido. O navio estava a realizar uma longa viagem ao outro lado do mundo, sendo que o capitão iria proceder à venda de tudo o que estivesse a bordo para conseguir angariar algum dinheiro. Pobre Dick, o que poderia ele vender? De repente teve uma ideia!

- Senhor, pode levar o meu gato? - perguntou.

Todos se riram de Dick, mas o comerciante sorriu e disse:

- Sim, Dick, posso. E todo o dinheiro da venda do teu gato reverterá para ti.

Após a partida do comerciante, Dick ficou novamente por sua conta, com os ratos e as ratazanas a treparem por ele à noite, e a cozinheira tornou-se ainda mais cruel, pois não havia ninguém a impedi-la. Perante este cenário, Dick decidiu que seria melhor fugir.

À medida que se afastava, os sinos de todas as igrejas começaram a soar. Pareciam dizer:

- Fica Dick Whittington, Serás por três vezes Lord Mayor of London!...

"Valha-me Deus," pensou o Dick, completamente surpreendido. "Se vou de facto ser Lord Mayor, é melhor ficar. Aturo a cozinheira e os ratos e ratazanas e, quando for Mayor, dou-lhe uma lição!".

Então decidiu regressar.

Do outro lado do mundo, o comerciante e a sua embarcação chegaram ao destino. Os habitantes ficaram tão felizes de os ver e foram tão hospitaleiros, que o comerciante decidiu enviar alguns presentes ao Rei e à Rainha.

O Rei e Rainha ficaram tão agradados que os convidaram a todos para um banquete. Assim que a comida do banquete chegou, centenas de ratos vieram do nada e comeram tudo, antes ainda que alguém tivesse a oportunidade de a provar.

- Oh meu Deus! - lamentou-se o rei - Isto está sempre a acontecer. Nunca consigo sequer provar a minha tarte de maçã. O que é que eu posso fazer?

- Tenho uma ideia! - exclamou o comerciante - Tenho um gato muito especial que veio comigo de Londres. Ele vai dar conta dos vossos ratos mais depressa do que vocês vão dar conta do vosso banquete.

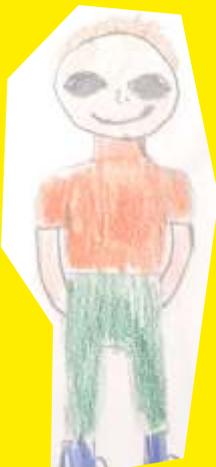
De facto, para grande alegria do rei e da rainha, na vez seguinte em que organizaram um banquete, assim que os ratos apareceram, o gato saltou-lhes em cima e matou-os a todos, com uma rapidez alucinante. O rei e a rainha dançaram de alegria e deram ao comerciante um navio cheio de ouro, em troca deste gato tão especial.

No regresso do navio a Londres, Dick ficou absolutamente impressionado com a quantidade de ouro que o comerciante lhe deu em troca do seu gato.

Ao longo dos anos, ele aplicou o seu dinheiro sabiamente e ajudou todas as pessoas ao seu redor, assim como as que trabalhavam para ele. Ele acabou por ser eleito Lord Mayor da cidade de Londres por três vezes, mas nunca esqueceu o seu amigo, o bondoso comerciante, que tinha sido tão honesto em dar-lhe todo o dinheiro que o gato lhe tinha valido, não guardando nada para si.

Quando Dick cresceu, apaixonou-se por Alice, a linda filha do seu amigo comerciante, e casou-se com ela. Eles viveram felizes para sempre, como nos contos de fadas.

"Fica Dick Whittington, Serás por três vezes Lord Mayor of London!". Afinal tinham razão!



Agradecimentos

Por ter promovido esta iniciativa conjunta:

- EAPN - Núcleo Distrital de Castelo Branco

Pela recolha dos contos junto das suas comunidades:

- CLDS 4G Covilhã
- CLDS 4G FormaRedes Fundão
- CLDS 4G Penamacor

Pela ilustração dos contos:

- Alunos do Agrupamento de Escolas de Vila Velha de Ródão (AEVVR)

Pelo apoio gráfico e revisão de textos:

- CLDS 4G Vila Velha de Ródão
- Município de Vila Velha de Ródão através do seu Gabinete de Informação e Relações Públicas



INTER_
CULTURS_
LIDADE



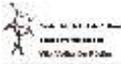
INTER_ CULTUR_ LIDADE



PARTICIPAÇÃO



SANTA CASAS
QUE SÃO CIDADÃS
ACCENTUAL



APOIO/PARCERIA

